

# MARCUSE: MARX ENRIQUECIDO OU MARX DEFORMADO?

Por ANTÔNIO REIS

A resposta de Vital Moreira à minha réplica tem o mérito de esclarecer sem ambiguidades alguns pontos fulcrais subjacentes às nossas diferentes leituras de Marcuse, colocando-me entretanto numa situação algo paradoxal: convergindo inteiramente no seu resumo do “coração” da teoria marxista, continuo a divergir na forma como encara a relação Marx-Marcuse. Tal divergência situa-se, em última análise, na questão do fundamento e do sujeito da revolução, insistindo V. M. em tomar a “novidade” marcuseana neste campo, não como algo que se vem enxertar na teoria de Marx respeitando o seu núcleo, mas sim como uma nova teoria que entra em contradição ou radicalmente diverge da teoria de Marx. Correndo embora o risco de me repetir, não quero deixar de sublinhar alguns aspectos que reputo decisivos para uma correcta interpretação do pensamento de Marcuse.

## 1 – BIOPSIQUISMO VERSUS ECONOMIA?

Quanto ao fundamento da revolução, não só as motivações de carácter biopsíquico não pretendem substituir as motivações económicas, como ainda se encontram dialecticamente articuladas com estas. Ou seja: não surgem por acaso, desligados dum contexto social, mas emergem das próprias relações de produção ligadas a um certo tipo de forças produtivas: as da sociedade industrial avançada. A “libertação dos instintos” e a “dimensão estético-erótica” não são concebidas como panaceias para todos os males, antes são vistas como condicionadas por um alto desenvolvimento tecnológico, pela criação de uma real sociedade de abundância para todos e pela radical alteração das relações de produção que são afinal as geradoras da opressão dos instintos e da falsificação da dimensão estético-erótica, quer directamente, quer por via de todo o aparelho ideológico e jurídico-político que as serve. Trata-se de uma opressão de

segundo grau que nem por isso deixa de, em movimento retroactivo, contribuir para a consolidação da opressão de primeiro grau. Não me parece, pois, que esta inovação de Marcuse deva merecer tamanho desdém. Não será ela, aliás, uma das “contribuições inestimáveis para uma antropologia marxista e para uma teoria marxista das ideologias” que V. M. reconhece poder extrair-se da sua obra?

## 2. A FUNÇÃO CONSCIENCIALIZADORA DOS “MARGINAIS”, OU A SEGUNDA MEDIAÇÃO.

Quanto ao sujeito da revolução, interessa saber uma vez mais em que sentido entender a sua exterioridade e qual o papel efectivamente desempenhado pelos “marginais”. O defeito que V. M. assinala aqui à minha “engenhosa construção” parece-me produto do que ele supõe ser a lógica do sistema teórico marcuseano, que julgo ser bem diferente. E quanto às inúmeras afirmações expressas de Marcuse em apoio de tal lógica, creio poder opôr-lhes outras, se não tão numerosas, pelo menos igualmente explícitas, que contariam essas pretensa lógica. Mas como seria pelo menos fastidioso entrarmos numa pequena guerra de citações, à maneira do Moravia no seu livro sobre a Revolução Cultural chinesa esgrimindo com citações de Mao Tsé Tung contra outras citações do mesmo manejadas por certo escritor chinês a propósito da função da arte, creio que o importante é esclarecer qual o tipo de relação existente entre os “marginais” exteriores ao processo produtivo e exteriores às necessidades e interesses da classe dominante do sistema, por um lado, e a classe operária americana integrada no processo produtivo e nas necessidades e interesses da classe dominante do sistema. Marcuse insiste a este respeito na função consciencializadora dos primeiros relativamente à segunda,

impedida de tomar consciência da necessidade da revolução, não por estar imersa no processo produtivo, como V. M. afirma, mas por estar integrada nas necessidades e interesses do sistema. Não estaremos, afinal de contas, perante uma relação análoga à do partido – vanguarda consciente da classe operária com esta? Não desempenha o partido um papel de “ditadura esclarecida”, de “élite” à frente das massas? Há evidentemente duas grandes diferenças: aos **marginais** não cabe a função organizativa do partido, mas apenas a função teórica e consciencializadora (aliás neste desempenhada quase sempre por intelectuais exteriores ao processo produtivo), e dos quadros do partido faz parte grande número de membros da própria classe operária. Mas o que importa reter em relação ao que está em causa é que a classe operária, como tal, na teoria marxista (e talvez mais explicitamente ainda na teoria leninista) não adquire espontaneamente a consciência teórica da Revolução, sem que por isso deixe de ser o seu verdadeiro sujeito. Por outro lado, se a sua não integração no sistema facilitava a sua organização partidária, actualmente a sua integração no sistema (falamos do caso americano, não o esqueçamos) torna necessária uma segunda mediação entre a sua existência e a sua acção – precisamente a que é representada pelos **“marginais”**. – E do mesmo modo que o partido não substitui a classe operária como sujeito da Revolução, os **“marginais”**, também não, e com maioria de razão. Além disso, se esta segunda mediação é representada por elementos estranhos ao processo produtivo, tal se deve, em última análise, às próprias características da sociedade capitalista industrial avançada que conseguiu integrar no seu sistema de interesses a classe operária, graças a uma aparelhagem ideológica de tal forma aperfeiçoada que como que fagocita quem quer que se encontre inserido na rotina dum quotidiano dominado pela produção. Mas note-se que Marcuse atribui também a certas classes de técnicos uma função consciencializadora semelhante à dos **“marginais”** propriamente ditos, precisamente porque, embora inseridos no processo produtivo, se situam aí a um nível tal que se lhes torna patente a contradição objectiva entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção capitalistas, afastados como são dos centros de decisão económicos e políticos. Não estamos, pois, em presença de um romantismo utopista que privilegia o seu marginal só porque é marginal e não está manchado pelo pecado original da produção, mas antes perante o resultado lógico de uma teoria do capitalismo avançado, construída com um método tipicamente marxista que faz derivar do desenvolvimento das forças produtivas as alterações surgidas nos restantes elementos constitutivos da formação económica-social, com as suas inevitáveis consequências no plano da estratégia e da técnica da revolução. Por outro lado, apontando a evolução tecnológica para o fim do trabalho manual e para a possibilidade do fim ou da redução substancial do próprio trabalho produtivo (com a automação), nada mais normal do que serem os já libertos desse trabalho os portadores da imagem da sociedade futura.

### 3. UTOPIA: PERTO OU LONGE?

Qual o lugar e a função da utopia em Marx e em Marcuse? Será aqui finalmente que detectaremos a radical divergência entre um e outro? Para V. M., a diferença neste campo está em que, enquanto Marx coloca a utopia na “fase ulterior da

sociedade comunista”, Marcuse faz dela “o objecto imediato da revolução”, introduzindo uma “ruptura” com o existente que nada tem a ver com a sua “superação”. Mas reconhece ao mesmo tempo que a utopia de ambos se situa no mesmo domínio – a sociedade pós-económica. Ora não podemos ignorar que a sociedade industrial avançada contém hoje possibilidades materiais de criação de uma abundância generalizada e de superação das condições alienantes do trabalho, inexistentes no tempo de Marx. Marcuse insiste repetidamente sobre este ponto e não espanta que, nestas circunstâncias, a utopia lhe surja muito mais próxima que para Marx. Sem que por tal, note-se, dispense a transformação das relações de produção capitalistas em relações socialistas, com a conquista do poder político pela classe operária. Mas o certo é que as condições de ordem material que Marx assinala como necessárias para a concretização da sua utopia se encontram hoje muito mais próximas da sua realização do que há cem anos. O etapismo de Marx tende, pois, necessariamente, a esbater-se, o que não significa, porém, que se caia na ausência de qualquer mediação, de qualquer tempo de transição. Mas as características de tal período de transição numa sociedade industrial avançada, essas é que serão necessariamente diferentes.

### 4. FILOSOFISMO OU SOBRE-REALISMO?

Na base da crítica de V. M. a Marcuse está a sua visão de um Marcuse filósofo impotente face ao mundo, desiludido com as partidas que o real pregou à teoria. Ora é pelo menos curioso que a citação de Marx sobre esta impotência dos filósofos seja extraída de uma das suas obras em que se diz abundar o filosofismo, aquela em que está mais explícita a concepção da classe revolucionária mais próxima da de Marcuse. É que essa crítica à distorção entre a teoria e a prática se aplica a um tipo de filósofos muito diferente. O problema para Marcuse não está no desajustamento entre a teoria e a realidade, que o teria levado a transpor outros grupos sociais para sujeito da revolução. Em tal caso, a desilusão continuaria, pois o novo sujeito também está longe de preencher outros dos requisitos da teoria. O problema está, sim, na dicotomia entre a realidade e as possibilidades desta realidade, entre o real/real e o real/possível. Quanto à teoria, creio poder continuar a sustentar que guarda no seu núcleo o essencial do pensamento de Marx, enriquecido com os novos problemas teóricos que a prática do desenvolvimento do capitalismo veio levantar.

### 5. CONCLUINDO (?) UMA DISCUSSÃO DE MARCUSE EM PORTUGAL

Terei feito dizer a Marcuse coisas que ele efectivamente não diz, tentando a impossível reconciliação entre a sua teoria e a de Marx? Tê-lo-ie lido com demasiada boa vontade ou à luz de um Marx demasiado filosófico? O certo é que não consegui encontrar no conjunto da sua obra uma lógica que contrarie a lógica do marxismo. E note-se que a minha visão de Marx não diverge afinal de contas da de Vital Moreira.

Por último, creio que numa discussão de Marcuse em Portugal, por mais longínqua que a problemática que ele enfrenta esteja, como está, da nossa, não convém sobretudo esquecer o seu contributo original para a formulação de uma alternativa que evite os erros que têm viciado a construção do socialismo ao longo destes anos e enriqueça a função libertadora própria deste sistema.